

URNAS

TIPO EXPORTAÇÃO

Primeiro grande lote da invenção brasileira será comprado pela República Dominicana para as eleições de 2006

MARIANA DITOLVO

As urnas eletrônicas brasileiras chegaram rápido ao estrelato. Desde que foram utilizadas pela primeira vez numa eleição no País em 1996, os equipamentos conquistaram o público local e despertaram a atenção da comunidade internacional. Desde então, o Tribunal Superior Eleitoral se encarregou de emprestar urnas para vários países da América Latina. Toda essa onda positiva se transformou há alguns meses em uma

grande oportunidade de negócio no mercado internacional. A barreira foi ultrapassada pela companhia brasileira Samurai, após fechar um contrato de US\$ 62,4 milhões com o governo da República Dominicana, que pretende usar as urnas nas eleições gerais do próximo ano. As negociações envolveram, além da Samurai, a Softek, de Porto Rico, e a Soinca, com sede no Caribe. Serão 13 mil urnas e a história fica mais interessante porque por trás da negociação está o empresário Carlos Rocha, um dos últimos sobreviventes da época de reserva de informática no País. Ele também trava uma batalha judicial em torno da paternidade da urna brasileira com o Tribunal Superior Eleitoral. Essa questão não impediu a negociação com a República Dominicana. As urnas

exportadas serão de outro tipo e desenvolvidas para atender a demanda do país da América Central.

A nova geração do equipamento contará com um software de votação que unirá segurança contra fraudes, acesso ao banco de dados dos 5,8 milhões de eleitores da República Dominicana e o reconhecimento de impressão digital de cada eleitor.

“As urnas trazem transparência, rapidez e segurança”, afirmou à DINHEIRO Victor Gomes Bergés, do partido de oposição Social Cristão. Ele integrou a comitiva do governo da República Dominicana que veio ao Brasil em outubro entender o processo eleitoral brasileiro. “Tínhamos um histórico de eleições com fraudes que ficará no passado”, acredita. “A expectativa agora é se livrar dessa mancha na história do país.”

Parte da tecnologia das urnas de Rocha foi desenvolvida pelo Centro de Estudos Avançados do Recife, uma instituição de pesquisa ligada à Universidade Federal de Pernambuco. Em relação à disputa pela patente da urna brasileira, Rocha procura amenizar o fato. “É uma questão que a Justiça decidirá”, diz. Procurado, o TSE não se pronunciou sobre o assunto. ■

US\$
62,4
MILHÕES
é o valor da
venda das urnas
para a República
Dominicana



ROCHA, DA SAMURAI Disputa com TSE não impediu fechamento de negócio na América Central